— O nosso alferes monta?

Olhava-me, muito teso, de cima do cavalo, com uma mão na anca, apertando o pingalim ao flanco, e a outra junto à virilha, a arrepanhar as rédeas. Não o tinha ouvido chegar, atabalhoado com a manobra ruidosa de desatolar o jipe daquele lodaçal, a poder de motor.

Esbocei uma continência vaga, que logo desfiz, por estar em cabelo, carreguei uma vez mais no acelerador, a fundo, e desliguei o carro com brusquidão.

— Meu coronel?

— Se sabe montar . . .

Disse-lhe que não.

CAMINHO

OS ALFERES

MÁRIO DE CARVALHO

ISBN 972-21-0449-7

M lit.
189

TL 4720

MÁRIO DE CARVALHO

OS ALFERES

CAMINHO
o Campo da Palavra

Há bens que vêm por mal

Há bens que vêm por mal. Quando li nas pautas de mobilização que me tinham destinado Timor, deu-me o regozijo para dois dias de estúrdia, com grandes consumos de cerveja na Portugália e na Trindade, em explosões juvenis de exuberância que os amigos do peito, já com reserva marcada numa das três guerras, muito invejaram.

Sabia lá eu o que era Timor... Uma vaga ilha no termo do mundo, verdejante e quente, exótica a mais não poder, mas em paz, sobretudo em paz. Por esses dias, fui muito felicitado. Perguntavam-me que empenhos tinha arranjado, que influências teria enternecido... Nada, a minha sorte deveu-se ao castigo duma falta militar análoga ao abandono de posto, numa vez em que me coube oficial de dia ao meu quartel. Por uma destas ironias em que os costumes militares são vezeiros, elegendo por sistema o que for adverso ao senso comum, como efeito dos cinco dias de prisão a que então fui condenado, coube-me Timor na rifa.

Mas a Providência lá se encarregou de corrigir o desatino da hierarquia militar. Ao cabo da segunda semana, ainda não estava eu refeito das trinta variedades de enjoo da interminável viagem de barco, em navios vários e escalas dispersas, e não tinha aquecido o meu tranquilo lugar de oficial intendente, rei e senhor de materiais e equipamentos, quando sobreveio o estúpido acidente com a granada de instrução, o inferno terreal que me foi remetido a domicílio.

Durante um mês abrasei em febres malignas, delírios flamejantes, no triste hospital de Díli. Os oficiais médicos, meus afortunados colegas de desterro, revezavam-se, nos seus cuidados e companhia, e não me quiseram deixar morrer. Fiquei paralisado da cintura para baixo e com meia cara insensível e arrepanhada. Quando recobrei da febre, vieram comunicar-me que ia imediatamente recambiado para Lisboa. E animavam-me: que a recuperação, pelo menos parcial, se vislumbrava, que não estava condenado à imobilidade eterna.

Não tardou, uma ambulância militar levava-me, ao cuidado de um furriel solícito, para o extremo do aeroporto de Díli, onde estacionava, triste e lãzudo, o bimotor que me havia de levar a Baucau, escala de Darwin, rumo da Europa.

— Ainda tem muito caminho até Lisboa, meu alferes. Quem me dera poder ir consigo... — observava o furriel, sonhadoramente, quase com inveja.

— De certo modo, você teve sorte — acrescentava o oficial médico que viera despedir-se de mim ao ae-

roporto. — É certo que vai ter complicações, a bem dizer nunca será exactamente o mesmo homem... Sendo bem tratado, talvez fique a coxear um pouco, talvez se mantenham certos desarranjos musculares, mas ganhou três anos de vida. É a lei das compensações. A tropa para si acabou.

— Eu é que de bom grado trocava a minha situação com a do meu alferes — insistia o furriel. — Aqui não há guerra, é verdade. Isto não é Moçambique ou a Guiné, mas a violência, a barbárie, estão latentes por todo o lado. É do clima, penso eu. A atmosfera é podre... Outro dia apareceu um saguim pequeno na parada. O bicho vinha assustado, guinchava, andava perdido da mãe, decerto. Sabem o que é que aconteceu? Tresmalharam-se as formaturas, todo o quartel acorreu à caça do animal. Fomos impotentes, eu, o oficial de serviço, e alguma tropa da metrópole que tentou ajudar. Aquela malta, ululante, fora de si, trepava às árvores, atirava pedradas, corria desaustinada, e não sossegou enquanto não deu conta do pobre do bicho e o deixou esmagado na parada. Tinham ganas de matar, era o que era. Tinham necessidade de matar.

— A mim, deram cabo do meu tokai — continuou o médico. — Você não chegou a conhecer o tokai, porque tudo se passou antes de cá chegar. O tokai é uma espécie de lagarto colorido, basto vistoso, que há nestes sítios. Eu tinha um, manso, em casa. Chamávamos e ele vinha. Dizia doze vezes baixinho: «Tokai, tokai, tokai, tokai...», e logo o bicho espreitava por debaixo de algum móvel, ou de trás de al-

guma porta, a olhar fixamente para a gente. Um dia, tive de mudar de apartamento, quando construíram aqueles alojamentos para oficiais que você conhece. Pois bem, chego eu no jipe, para ajudar a carregar, e ouço uma grande algazarra. Os soldados tinham descoberto o meu tokai e tinham-no morto à paulada. Mas por que diabo haviam de fazer mal a um bicho perfeitamente inofensivo como aquele? Dei com o tokai esbarrondado no chão, com as tripas à mostra, e o estupor dum soldado timorense a mostrar-mo com um sorriso alvar. Como se me tivesse feito um grande favor. Atirei-lhe um soco pelos queixos que o deixou estendido. Agarrei outro pelos colarinhos e pu-lo fora de casa a pontapé. Chorei, meu caro. Chorei naquela noite ante os despojos do tokai, minha melhor companhia nesta malfadada terra.

Neste meio tempo, enquanto os meus amigos faziam o favor de me entreter, com os seus espantos e as suas desgraças, e eu contemplava o céu azul, lá da horizontalidade da maca em que aguardava, foram chegando os outros passageiros, em demanda de Baucau. Primeiro, um chinês obeso, muito sorridente e cumprimentador; depois, uma mulher timor, escura e recolhida, de quem alguns parentes foram despedir-se sombriamente e a quem acabaram por deixar sozinha na imensidão da pista.

Já o meu furriel se impacientava, resmungando entredentes contra o diabo daquela terra e todas as terras orientais revéis à noção do tempo, quando o mecânico do avião apareceu ao longe, por trás de um hangar. Vinha devagar, repousadamente, e delongou

largo espaço até chegar perto de nós, para ser acolhido com enfado pelos meus acompanhantes. Era um timorense pequeno e seco, minúsculos olhos negros a luzirem em duas covas, ao fundo das protuberâncias faciais. Deitou um grande sorriso de magníficos dentes faiscantes, indiferente à interpelação dos circunstantes que já apontavam, agastados, para os relógios.

Entrou no avião, que oscilou fragilmente, fechou a porta e demorou-se algum tempo a fazer não se sabe o quê. Depois, abriu de novo a porta, convidou os passageiros a entrar, e ele próprio veio ajudar ao meu transporte e colocação. Com autoridade, desalojaram o chinês de junto de uma das janelas e aí me instalaram e deixaram ficar, depois de me lançarem uma manta pelos joelhos. A minha escolta deu a missão por finda e o furriel fez-me notar que já era tempo de voltar a quartéis. Compôs uma continência impecável e pediu licença ao seu alferes para se retirar, num formalismo castrense que contrastava com a familiaridade lisboeta que demonstrara até então. O meu amigo médico aproveitou a boleia da ambulância e também abalou com algumas recomendações clínicas, algumas frases de circunstância e a manifestação veemente do desejo de nos reencontrarmos de novo em Lisboa, um dia.

O chinês e a timorense quase não falavam português. Esperavam. Ele meditava beatamente, as mãos cruzadas sobre o ventre, olhos postos no forro da carlinga; ela, desfiando um interminável rosário, ia compondo para si indiscerníveis rezas muçulmanas. O mecânico atardava-se lá fora em misteriosas tare-

fas, de que vinha um ruído ou outro de latas entrechocadas ou fardos acondicionados. E eu para ali fiquei, a fumar com gestos mal coordenados, as pernas inúteis aconchegadas por uma manta de tropa cinzenta com barras verdes e a perguntar-me quando é que este entremez acabaria, este mau bocado? Quando me veria eu em Lisboa, Lisbon, Lissabon, Lisbona, Lísbia, Lisbela dos meus sonhos, cidade meiga dos meus amores?

Pela vigia, vi, enfim, aproximar-se um jipe que veio estacionar junto do avião do meu lado. De bordo saltaram dois cinquentões pesados. Um deles foi alegremente recebido pelo mecânico — era o piloto; o outro, carregando duas grandes malas, contornou o aparelho e saiu do meu campo de visão.

Senti balouçar-se a carlinga, um remexer para as bandas da cauda, e depois um estalido seco da portinhola que se fechava.

O piloto, entretanto, entrava a bordo, rosnando um «b'tarde» arrastado, lisboeta, e instalava-se aos comandos, com o mecânico ao lado. O outro sujeito subiu logo a seguir, fechou a porta com gestos precisos, de conhecedor, olhou, hesitante, à procura de um lugar, e acabou por decidir-se pelo assento ao meu lado, onde se deixou cair, pesadamente, com um «c'licença» breve.

Começava a viagem, e laboriosamente começava, de modo a furtar razão ao meu trejeito de alívio, uma vez trancada a porta. Após a infindável expectativa, apenas se iniciavam, afinal, os trabalhosos manejos que nesta carreira precediam a descolagem.

O avião estremeceu, vibrou, num matraquear sacudido, e os hélices entraram a girar num forte estrondeio. Mas após esta fúria inicial a rotação foi diminuindo, até que eu da minha vigia pude de novo distinguir nitidamente as pás, sofri a ilusão de óptica delas a girarem ao contrário, e assisti à sua paragem preguiçosa, no meio de um ruído pífio, soprado, sibilante.

A manobra repetiu-se duas ou três vezes. Sempre os motores rompiam em ribombos vigorosos, cheios de força, para acabarem depois com os hélices parados e aquele arquejo asmático, fatigado, de quem se sente falho de energia e a aspirar por repouso.

— Está frio, não, ó Gomes? — vozeou o sujeito que ia ao meu lado, dirigindo-se ao piloto, que arfava, aos comandos, enfronhado com as suas cavilhas e mostradores.

— Máquina cansada — rosnou de lá o outro. — Já fez a segunda guerra esta, meu major. Material sólido, mas um bocado gasto!

Major? Que major era aquele que nunca o tinha eu visto no batalhão? O homem trajava à civil: casaco de alpaca, esbranquiçado, sobre uma sumptuosa camisa de entrançados floridos mais complicados de descrever que as volutas do escudo de Aquiles. A cara mostrava-se rugosa, de pele áspera, crestada do clima. Ao fundo do pescoço, pela largueza do colarinho, podia eu distinguir o brusco remate da zona do sol, trocada pela zona de sombra, raia bem demarcada entre a epiderme encarquilhada e escurecida dos trópicos e a pele clara e lisa da Europa.

Major? Queria-me parecer antes um colono, a mim.

De início, não me prestava ostensivamente qualquer atenção. Fazia valer a sua presença...

Naquele entretanto, enquanto o piloto se desentendia com os mecanismos e os hélices caprichavam, à vez, entre a ventania devastadora e a placidez matreiramente adormecida, ele voltou-se para trás e emitiu qualquer comentário, numa língua sonora, ondulada, contida, a que o chinês retorquiu com casquinadas breves.

Foi então, assim visto de perfil, que eu o reconheci. Já nos tínhamos encontrado antes, com efeito. Não na parada, nem na sala dos oficiais, mas no «baile dos fantasmas».

É que, de tempos a tempos, o governador organizava uma recepção num *bungallow* que possuía lá longe, alcandorado sobre a cidade. O pretexto da que me coube em sorte foi a licenciatura da filha. Estava convidada toda a oficialidade, desde que livre dos serviços. Trajo de rigor: farda branca colonial. Dias antes, o coronel dera a entender, na sala de oficiais, que qualquer falta injustificada ao amável convite do governador seria muito malvista por ele próprio. De maneira que não tivemos outro remédio senão desentranhar dos armários as fardas brancas e aplicar-nos no luzimento de botões e alamares.

Ao lusco-fusco, porém, quando veio a hora de partirmos, não havia viaturas disponíveis no quartel. Os capitães e oficiais superiores tinham-nas levado e o sargento do material mostrou-se intransigente

quanto à nossa tentativa de apropriação dos jipes da ronda. Tivemos, pois, de nos conformar com a perspectiva de uma longa caminhada nocturna.

— O quê, mas os meus alferes vão assim? — admirou-se o sargento de dia, o braço meio alçado numa continência incompleta, quando nós cruzávamos a porta de armas, rabugentos e sorumbáticos. — Por aí à noite, de farda branca?

E o experimentado sargento explicou-nos que não faríamos um quilómetro sem que as fardas ficassem negras do pouso dos mosquitos e demais bichezas nocturnas, para já não falar nas nossas caras, campo de mel para a avidez dos insectos.

— Chegam lá com as caras cobertas de babas e a farda mais preta que branca, palavra, meus alferes...

E, aconselhados, deixámos o quartel envoltos em lençóis, para bom rebuço de tecidos e epidermes, fazendo de espectros pelas estradas de Díli e suscitando gáudios e espantos.

Crismámos a recepção, enfadonha, como se previa, com o nome de Festa dos Fantasmas. Por notícias que me vieram depois, soube que o crisma havia vingado e assim ficara a ser conhecida.

Lá tinha eu então encontrado este meu companheiro de viagem, de *dinner-jacket* mal feito e lustroso, a charutar no meio dum grupo de colonos.

Agora que ele fosse major é que não me passava pela cabeça...

Mas havia uns instantes que os motores reboavam, sem desfalecimento. A persistência do piloto lograra

vencer as manhas do material, e o meu companheiro gritava para a cabina:

— Então, parece que pegou!

— Está a andar... — bradou o outro, por cima do ombro.

Fechei os olhos, enquanto o avião corria pela pista e quando senti aquela impressão de vazio, no fundo do estômago, anunciadora da perda de contacto com o piso, finquei as mãos nos braços do assento e, mentalmente, «fiz força» para ajudar à descolagem. A cada momento temia que os hélices de novo parassem, e seguia excessivamente atento à regularidade do ruído dos motores. Quando reabri os olhos, vi lá em baixo, pela vigia, as casas, o arvoredo, o mar ao longe. Suspirei de um alívio ainda não muito seguro. A meu lado, o colono olhava-me com um ar intrigado e irónico. Entremostrei um sorriso débil, indeciso, e acendi um cigarro trémulo. Sentia-me embaraçado, apanhado em falta, por o meu susto e a minha tensão terem sido examinados de perto por um estranho. Corei quando ele me dirigiu a palavra jovialmente:

— Então, militar, isso vai ou não vai?

— Como o outro — respondi.

O major fitou em frente e esteve um largo espaço calado. Voltou a abordar-me quando eu acompanhava com inquietação os movimentos do mecânico timorense que, pela porta entreaberta e armado de uma chave-inglesa, escarafunchava agora em qualquer coisa do lado de fora da carlinga.

— Não se apoquente, ó nosso alferes... Bem se vê

que não gosta de andar de avião. O pessoal é sabedor, é competente. Isto é tudo rotina, não há-de haver azar...

Como se lhe ouvisse as palavras, o mecânico sorria, enquanto a chave-inglesa trabalhava, a afeiçoar pormenores talvez essenciais para a segurança do voo.

— Quem me dera mas é em Lisboa — desabafei eu, vertendo a minha incomodidade em nostalgia, e encolhendo-me à lufada de frio que vinha lá de fora.

— Hum, Lisboa. A nossa cidade bonita. Há quantos anos não vou eu a Lisboa...

Estava assim lançada entre nós a entretenga da conversação de percurso. Tudo em volta parecia agora sereno, deslassado de perigos e temores. Por entre o ronronar dos motores distinguia de quando em quando um fado negligentemente regougado pelo piloto:

— *Vai dizer adeus à Graça / que é tão bela / que é tão boa...*

O chinês e a timorense dormitavam, toscanejava o mecânico, decerto satisfeito com a sua minuciosa tarefa salvadora de há pouco. O avião deslizava, com leve trepidação sobre um granulado de nuvens. Aqui e além, por entre abertas, verdejavam os cumes montanhosos da ilha.

— Então, o nosso alferes, mais sossegado? A pensar em ontem?

E voltando para mim meia cara protectora, o meu companheiro estendia-me um cigarro dos dele.

Informou-se, de início muito perguntador, sobre o

meu acidente e as suas circunstâncias, para me lamentar a sorte com um desalento sentido:

— Ts, um moço tão novo...

Dei largas ao meu rancor pela ilha, carregando fortemente nas tintas e incorporando no meu o discurso de rejeição dos outros militares que ali penavam. Falei contra a atmosfera pútrida, indutora de doenças, contra o cerco de agressões do meio a que o europeu ali está sujeito, contra a violência pronta a desfechar-se em todo o lado, maneira de ser da natureza, maneira de ser dos homens.

Era um tanto provocatório este meu discurso e pretendia contraminar a segurança paternalista do meu interlocutor que, manifestamente, tinha optado por aquelas paragens, tinha escolhido viver ali.

Mas, ao contrário do que eu esperava, o homem não reagiu em defesa da ilha e do seu modo de vida. Antes assentia, gravemente, com profundos acenos de cabeça, àquelas diatribes soltas. Eu era muito novo. Não tinha ainda compreendido esta faculdade dos portugueses de se adaptarem facilmente a qualquer lado, estando ao mesmo tempo desprezivamente mal com esse lado qualquer. Verduras minhas...

— Lá isso é assim — corroborou o homem num assentir ponderado, meditabundo, o cigarro por acender suspenso entre dedos. — Nesta ilha, a vida dum homem nunca valeu o riscar de um fósforo. Desde que aqui chegámos, há quatro séculos, só tumultos, guerras, ralações por todo o lado. Esta gente parece fraca, indolente, qualquer destes nativos dir-se-ia nem poder com uma gata pelo rabo, mas dá-

-lhes uma espécie de insanidade furiosa quando toca aos arraiais e à guerra. Não poupam nada nem ninguém. Levam tudo raso em frente se os deixarem.

Acendeu o cigarro, vagarosamente, e ficou-se longo tempo a pensar. Após, tocou-me ao de leve no braço e interrogou-se em voz alta:

— Não sei se lhe conte um caso que aqui se passou. Não sei...

Apesar da minha natural desprevenção de jovem, eu percebi que todo este circunlóquio se destinava a criar ambiente, a introduzir o relato. O meu interlocutor já estava a seriar as situações, a escolher as palavras...

Pesava, a bordo, uma modorra tranquila. Só de quando em quando se ouvia, entreafirmando-se no monótono rumor das máquinas, o fado entoado pelo piloto que em rompantes de energia, por estrofes incompletas, mandava abraçar a Graça, a Esperança, a Madragoa...

Mas já o major prosseguia, dando começo à história:

— Mandaram-me para cá como capitão, no transporte de tropas *João Belo*, que largou de Moçambique, logo que os australianos aceitaram a capitulação japonesa e devolveram a nossa parte da ilha. Díli, por essa altura, estava literalmente feita em cacos, pelos desatinos dos japoneses e pelos bombardeamentos aliados. Esta cidade, em verdade, nunca foi coisa que se visse. É uma aldeola. Mas naqueles tempos não havia uma casa inteira. Ainda da amurada do navio, senti um aperto no coração por me ver na-

quele cafarnaum de ruínas e ferros torcidos, embora soubesse já o que me esperava. Foi um alarme extremo de solidão, angustiante, à vista daquela miséria desolada. Lembra-se da canção americana: *Sometimes I feel like a motherless child*?, pois era assim que eu me sentia: como uma criança sem mãe.

«Depois, imagine, com o tempo afeiçoei-me a esta maldita ilha. Dizem que há um encanto, um fascínio tropical que nos enfeitiça e nos prega a estas paragens. Não sei o que será. Talvez o cheiro da terra, talvez a aparente quietude da paisagem, talvez a bruteza de tudo isto, talvez a imensidão. Sei lá!

«As distracções não foram, decerto. Em Díli não havia um teatro, nem um cinema, nem um clube. O contingente recém-chegado, de seiscentos homens, passava o tempo em exercícios e ordens unidas porque nada há pior para a saúde da tropa que a ociosidade. Era uma pasmaceira, meu caro, o sítio mais esparvoeirado do mundo, ainda a cheirar a sangue e à podridão dos cadáveres.

«Ainda assim, eu fui ficando. Terminada a comissão, requeri a passagem à reserva e estabeleci-me com uma loja de miuçalhas, de parceria com um chim manhoso que só me não enganava quando não podia.

«Desfeita a sociedade, comprei uns terrenos, meti-me na exportação de sândalo branco... Dá para ir vivendo. E assim me vou aguentando, desde há mais de vinte anos, sem uma única ida a Lisboa. Sempre digo: talvez para o ano... E nunca calha. E você nem imagina como eu gosto de Lisboa...

«Ai, ai, mas eu não sou para aqui chamado. Para quê falar-lhe de mim se a história se passou com outros, antes de eu chegar, durante a ocupação japonesa...

«Como sabe, desde o desembarque, os japoneses infligiram à Administração as maiores humilhações e deram-se aos desacatos mais infames. Não me franza o sobrolho que eu não estou a exagerar. Você tem ideia do que seja um soldado japonês? É qualquer coisa de animalesco, boçal, ainda mais grotesco que um alemão ou que um turco... Matam por matar, destroem por destruir, por pura estupidez.

«Não admira que os portugueses apoiassem por todas as formas os australianos que, refugiados nas montanhas, moviam uma guerrilha endiabrada, extremamente eficaz, contra os nipónicos. Faziam-lhes chegar géneros e medicamentos, aliciavam as populações para a cooperação com a guerrilha, abrigavam e protegiam os comandos australianos, às vezes nas próprias barbas dos japoneses. Salvo aqueles traidores que sempre houve "algumas vezes", como diz o outro...

«Em dado momento, os japoneses resolveram arrumar a população europeia e "assimilada", como então se dizia, no campo de concentração de Liquiça. Para maior subjugação das tribos fiéis fizeram desembarcar hordas vindas do outro lado da ilha, de etnias hostis, a quem armaram, municiaram, e que instigavam a chacinar a eito os europeus e as populações em que não tinham confiança, que eram as mais. Era a chamada "onda negra", uma turba de

selvagens ululantes, armada de clavas, zagaias e... pistolas-metralhadoras.

«Como contrapartida da ajuda portuguesa, os australianos ofereceram-se para evacuar para Darwin, pelas praias do Sul da ilha, as famílias portuguesas que o desejassem. E assim, grupos de homens e mulheres famélicos, brancos, mestiços e negros, escaparam à vigilância dos japoneses e meteram-se à montanha e aos pântanos, para atingirem a costa "macho" do lado de Kirás. Nem todos tiveram sorte. Muitos foram aprisionados e chacinados pelos japoneses e pelos bandos de selvagens. Outros perderam-se, e foram morrendo de febres, de fome...

«Uma noite, uma dessas colunas foi atacada nos cumes de Uato-Lari e sofreu grande mortandade. Na confusão, o conjunto dispersou-se, em pequenos grupos que seguiram, cada qual, o seu caminho próprio. Um deles era constituído por nove adultos e uma criança de dois anos. Dos adultos, cinco eram europeus, dois mestiços, e dois nativos do mato.

«Mas, meu caro, provavelmente estou a maçá-lo...

Deteve-se o homem, olhando-me com um ar inquisitório, caixa de fósforos aparelhada na mão, um outro cigarro já a caminho dos lábios (*).

(*) O autor aproveita a interrupção para dar algumas explicações ao leitor paciente, reconhecendo, compungido, que estes desenvolvimentos pouco abonam a bondade da narração. Um texto que se preza, na verdade, deve explicar-se a si próprio e há-de escusar os cuidados do autor inquieto. Dispensa explanações, sublinhados e acenos significativos. As entrelinhas são o baldio dos leitores que saberão ser argutos quando o autor o é avonde. Ora eu concedo, com prazer, a agudeza do leitor, mas

Pigarreou, acendeu o cigarro, sacudiu o fósforo num gesto vigoroso, partiu-o entre dois dedos, com precisão e, fiado no meu protesto, prosseguiu com o resto do conto que se resume destarte:

A criança era filha de um dos europeus, um engenheiro silvicultor que tinha perdido a mulher pouco antes, morta à catanada, no ataque nocturno a uma aldeia onde em má hora estiveram refugiados.

Levava-a o pai às cavaleiras por aqueles socalcos e penedias e por ela se privava das magras raspas de inhame ou ressequidos bolos de sagú custosamente forrageados numa ou outra aldeia temerosa e desconfiada. Descontando os indígenas, que já o eram de seu natural, todos os outros iam definhados, o corpo escalavrado de feridas talhadas pelos ramos da

---

já não me fiaria tanto no cristalino do texto, dando de barato a inépcia do autor, que é pessoa que eu conheço em demasia e de que desconfio um bom bocado. De maneira que ouso intrometer-me na narração, arrostando as ganas dos custódios do bom gosto, para ressalvar o seguinte:

1. O texto vai muito inquinado de observações racistas. São os timorenses, são os chineses, são os japoneses, são os turcos, são os alemães... Sabe Deus quanto o autor argumentou, fundado na ciência e na retórica, quando a ciência não bastava, para convencer as personagens a terem tento nas apreciações. Mas, ai de mim, uma vez mais tive de comprovar que a boa razão ou os arrebiques da eloquência pouco podem contra a firmeza do preconceito. De nada valeu remeter para outras ópticas, mostrar como os timorenses já puderam ser bons selvagens, os japoneses tranquilos amanhadores de jogos floreiros com cheiro de muita espiritualidade, os alemães grandes românticos, vinho, canções e arroubos de alma, os turcos... não sei bem, mas também hão-de ter o seu lado reluzente. As personagens não quiseram saber: colonos ou militares deslocados lá

mata espessa, os pés empolados do terreno áspero, restos de roupa esvoaçando em farrapos descompassados. Perdidos por essas selvas altas e caminhos incertos, não raro talhados à catana, desesperavam os fugitivos, pressentindo ao perto a ronda do inimigo.

De uma vez, descortinaram-no num plaino ao longe, a saltar de camiões japoneses, e a tresmalhar-se pelo mato com qualquer destino obscuro. De outra vez, deram-lhe com os vestígios da pernoita recente num acampamento abandonado.

Mais e mais contidos e expectantes lhes passaram a ser os passos, que, entre dois caminhos, optavam sempre pelo mais agreste, penoso e desviado.

Durante alguns dias, atolaram-se em pântanos miasmáticos, efervescentes de sanguessugas e mos-

---

têm o seu entranhado modo de ver: ouvem a gente com um desprezo zombeteiro e ficam-se na sua. Pois na sua ficaram estas...

2. Também devo confessar que fiz batota com o discurso do major, assim ele mo releve para sossego da minha consciência. Reduzi-o, amputei-o, aparei-lhe, como pude, a gramática, raspei-lhe a oralidade, escamoteei os episódios inúteis. Fiz dele uma condensação, um *abridgement* à americana, numa cirurgia protectora do resto do texto. De feito, que interessaria ao leitor saber que em certo poiso de guerrilha na montanha os australianos haviam montado uma metralhadora no fundo de uma caverna que enfiava o espaço visível entre três ramos de sândalo branco sem remissão para o pobre do piloto a quem a má sorte mandasse cruzar aquele espaço? E que importarão ao leitor as sevícias infligidas a um desgraçado chefe de posto, chamado Marques, salvo erro, a quem os japoneses acabaram por crucificar, num quintal qualquer? São pormenores de guerra. Todos os que passaram por lá transportarão outros idênticos ou mais especiosos. Mas olhem que o major pigarreou e vai continuar...

quitos sugadores, com o norte numa certa aldeia de que haviam notícia, por ali.

Mas era a aldeia do silêncio, aquela, e da tristeza, não um lugar de conchego e gasalho. Os nativos andavam alarmados com os circuitos predatórios da «onda negra» pelos povoados vizinhos e porfiavam em passar completamente despercebidos. Tinham eliminado da vida comunitária todos os rituais ruidosos que antes não eram poucos, e comido todos os cães. Os próprios galos de combate, o bem mais precioso dos timorenses, entristeciam-se pelas árvores, de bicos atados por fibras de cairo.

Os refugiados foram acolhidos molemente, com desconsolo. A muito custo lhes cederam uma cabana rota para passarem a noite. Mas ainda não tinha rompido o Sol já o chefe da aldeia os acordava, acompanhado do guia incumbido de os deixar longe. Temiam-se de represálias — aliás mais que certas — no caso de serem ali descobertos os estranhos. E assim os despediram com um cesto de bolos de sagú, ofertados de má vontade.

Havia razão para a guarda deste silêncio: nas montanhas de Timor os sons levantam-se devagar, pairam nos ares, amplificam-se, desdobram-se, ramificam-se, descaem múltiplos por todos os recônditos, acendendo aqui e além pequenos ecos num estralejar prolongado, durável. Por isso a pistola-metralhadora que o grupo possuía, cedida pela guerrilha australiana, nunca foi destravada, nem mesmo à vista de porco montês, ou cervo corredio, refractários ao arremesso de zagaias ou clavas indígenas.

O ponto é que a obsessão do silêncio se instalara desde há muito entre os do grupo e fora abonada pela prática da última aldeia de acolhimento. Marchavam no constante pavor de se verem referenciados e perseguidos.

Mas como obrigar um moço pequeno a cumprir a determinação de silêncio? Ao colo do pai, a criança chorava, chorava sempre. Chorava pela falta da mãe, chorava pela fome, chorava pela humidade, chorava pelo desconforto, chorava pelos insectos, chorava pela solidão das serras, chorava pela angústia e inquietação que pressentia em todos. E chorava por chorar, numa afirmação de meninice, como lhe era próprio.

Eram inúteis para o apaziguar o zelo e o carinho do pai, as palavras brandas.

De onde em onde, sobressaltavam-se os fugitivos ao estalar de mais um rompante de choro, brusco e sonoro, atroando os copados das árvores, ecoando pelas falésias. E mais estrondoso lho fazia o susto, projectando-o nas imaginações, ampliando-o longe, desdobrando-o pelos coitos do inimigo. A cada rebate de choro, todos aqueles homens se sentiam inelutavelmente descobertos, envoltos em ruído, indefesos ante a prevenção das hordas disseminadas pela montanha.

Sucediam-se os trejeitos de impaciência, pai e filho eram olhados de viés, deixados para trás, como se o afastamento melhor livrasse os outros do perigo. À noite, o engenheiro notava que cada vez menos lhe dirigiam a palavra e que os restantes fugitivos se

entretinham em conciliábulos distantes, sombrios e reservados.

De quando em quando, um olhar esquivo, logo disfarçado, não desmentia que era dele e de seu filho que se falava.

«É preciso resolver este problema», já tinha o engenheiro ouvido alguém murmurar, entredentes. «Assim não passamos», tinha dito outro, abanando a cabeça, com rancor, a um assomo de choro do filho. E à penosidade da marcha forçada, à tortura da fome e do perigo, somou-se a incomodidade daquele constante alarme dos companheiros.

Até que um dia, numa curta paragem para repouso, das que o cansaço da coluna fazia cada vez mais frequentes, um dos fugitivos, um padre, chamou o engenheiro de parte para conversarem. Crispou-se o homem porque adivinhou do que se tratava, mas ainda assim acompanhou o outro, um pouco para longe, deixando a criança, muito quieta, à sombra de uma araucária.

Uma vez sentados, foi-lhe representado o seguinte:

— Engenheiro, sabe Deus o que me dói ter de lhe falar neste assunto e como me magoou o terem feito de mim arauto, à conta de mais velho e eclesiástico. Bem eu quis escusar-me e não mo deixaram. Ressalve, pois, que as palavras que vou dizer-lhe não são minhas, antes exprimem a exacta concertação de todos sobre o ponto. Considere também que estamos em tempo de guerra, e nesta miséria última, confrontados com perigos que bem jus-

tificam soluções extremas, impensáveis na normalidade da paz.

«Somos nove homens com a morte a rondar. Deus livrou-nos até hoje de maus encontros, mas não podemos abusar da Sua tolerância. A cada passo nosso, dá o seu filho sinal, de modo que só a muita paciência de Nosso Senhor tem permitido que o inimigo nos não alcance, desviando dele os sons, tapando-lhe os ouvidos.

«E assim a manifestação de uma vida, na inocência do menino, põe em causa a sobrevivência das outras todas. E há que ponderar se será vontade do Senhor que não se preservem as mais para se evitar um sacrifício a um pai.

Ao correr do aranzel, laboriosamente preparado, como sermão em dia santo, o engenheiro ouvia sombriamente, de cara fechada, os olhos postos longe. E continuava o padre:

— O menino já pouco durará, que a fome, a insalubridade e a fadiga da viagem lhe traçarão, em pouco, a vida, como se alcança da macilência da face e da languidez dos gestos. Antecipar-lhe agora a subida aos céus seria mais acto de misericórdia, atalhando-lhe o sofrimento e poupando quiçá padecimentos aos restantes, que prolongar-lhe a agonia com grande risco para todos...

«E só a si, engenheiro, como pai lhe cabe...

Os outros homens que aguardavam ao longe sobressaltaram-se e acorreram ao grito que o padre deu quando o engenheiro o filou pelo pescoço e lhe sacudiu o corpo com raiva. E já o padre regougava, apo-

pléctico, esbracejando no ar, e já um cacho de homens agarrava o engenheiro, em revolto desalinho, e já o menino acudia, aos gritos agudos, e ainda aquelas mãos atenazavam mais e mais a garganta do padre, sem cederam a empuxões e pancadas. Uma pranchada de catana, de espaldas, deu, enfim, com o engenheiro em terra, inanimado, e apressaram-se os homens a despertar e a confortar o padre que expelia grandes silvos do peito, os maxilares hirtos, os olhos arregalados, as mãos enclavinhadas junto ao queixo, ainda em feição natural de defesa.

Aquietados mais os ânimos e os gemidos do padre, atentaram os homens na criança que, sentada no chão, junto ao pai, não despegava da grita, em choro convulso, fitando os olhos marejados no grupo. Houve entre todos troca de sinais fugidios.

De repente, alguém arrepelou a zagaia das mãos do guia, levantou-a ao alto, puxou-a bem atrás...

Quase todos desviaram o olhar. O padre tapou a cara com as mãos. Depois do rumor da arma a soprar nos ares e do último soluço do menino, tombou por montes e vales um enorme silêncio, da espessura da eternidade.

O grupo aguardou, de longe, que o engenheiro acordasse e se recompusesse. Transidos o viram soerguer-se, quedar-se longo tempo a contemplar a criança morta, desencravar a zagaia do corpo com ternura e tapar a cova com terra e pedras. Nem um olhar deitou aos do grupo quando se endireitou, mediu os horizontes e meteu pela mata, para logo desaparecer.

Ainda cometeram persegui-lo, mais pelo perigo de poder ser capturado e descobrir os outros fugitivos que por comiseração ou solidariedade humana. Sem resultado.

Dias depois, embarcados num navio de guerra australiano, os sobreviventes conseguiram arribar a Darwin. Do engenheiro não houve qualquer notícia.

Chegado a este ponto, o major tomou mais um cigarro e acendeu-o com voluptuosidade. Lá atrás, o chinês exclamou qualquer coisa na sua língua sonora, gritada, aos altos e baixos.

— O que é que ele diz? — perguntei eu.

— Diz que estamos aqui estamos a descer para Baucau. Já não falta muito.

A notícia regozijou-me, secretamente. Desde há algum tempo que eu observava o hélice do motor direito, e não conseguia decidir sobre se aquele abrandamento da rotação, aqui e além, era uma ilusão de óptica ou um sinal nefasto de complicações iminentes.

— Terrível, essa história... — acabei por dizer para o lado, outorgando o comentário que o meu companheiro decerto esperava.

— Ah, mas sabe? — volveu ele tocando-me no braço e fitando os olhos em mim, com ar carregado. — A história ainda não terminou...

E a segunda parte da história começou logo depois de o piloto ter bradado da cabina uma ordem que repetiu em chinês.

— Ora, os meus amigos, toca a apertar os cintos e a apagar os cigarrinhos!

O major falava agora rapidamente e atropelava as palavras, sintetizando a expressão, que o tempo dava pouco lugar a mais, e já eram identificáveis, na paisagem, os primeiros sinais da aproximação de Baucau.

Tinha sido que, anos depois do episódio que me contou, um dos sobreviventes aparecera morto numa picada de Moçambique, atravessado por uma zagaia. Logo a seguir, descobriram numa ruela de Macau o cadáver do padre, também trespassado. E outras mortes se seguiram, em distantes partes do mundo, todas da mesma feição. Uma delas em Lisboa, num apartamento ao Areeiro. Alguém tinha retirado da parede um arremessão timor e alanceara com fúria um tranquilo funcionário do Ministério do Ultramar. A polícia estava em campo, é claro, e procurava o engenheiro em todas as colónias. Mas dele, nem rasto... Sobravam em Timor dois sobreviventes que viviam atemorizados, à espera da sua hora. Revezavam-se a comparecer nos desembarques de navios e aviões, de pistola à cinta, examinando os recém-chegados um a um. Tinham recorrido aos serviços de uma agência de Darwin, para que lhes desse conta de todos os estrangeiros que demandassem o porto australiano. Mas há tantos percursos de entrar clandestinamente em Timor, que os homens viviam num sobressalto diário, sempre rodeados de armas, desconfiados dos estrangeiros.

— Ora, não olhe assim para mim — ironizou o major, adivinhando o que me passara pelo entendimento —, eu não tenho nada com a história. Sou muito novo para isso, como vê!

Mas já o bimotor quase rasava os tectos de Baucau e se fazia à pista, num balanceio de asas. Aterragem segura, um tanto sacudida. Enfim...

Não passou muito tempo até que um sargento da Força Aérea me entrasse pelo avião adentro, perguntando, com uma continência breve:

— O meu alferes dá l'cença?

Quando os da Força Aérea me depuseram na maca, cá fora, o major veio despedir-se de mim, carregado de malas. O piloto que, juntamente com o mecânico, tinha andado a remexer nas entranhas dum motor, logo após a aterragem, aproximou-se de nós com um pedaço de fio eléctrico na mão:

— Eu bem me parecia — disse alegremente —, o malandro do motor estava a responder mal. Olha para isto, olha, meio queimado...

E exibia o fio calcinado, para que todos pudéssemos ver.

— Safámo-nos de boa, hem? — observou o major.

— Ora, isto é preciso é calmaria... — respondeu o piloto.

Era uma vez um alferes